

I. C. - 27 anos, casada - Cancro da mama em 2007

Tenho 27 anos e estou, neste momento, a terminar uma fase difícil da minha vida. Há sete meses foi-me diagnosticado um cancro na mama. Tinha casado há pouco menos de um ano e o meu marido estava a trabalhar nos Açores. Como qualquer outra pessoa, recebi a notícia e entrei em choque. E a pergunta não tardou a surgir na minha cabeça: Porquê eu? E, ao mesmo tempo, perante o desespero e impotência dos meus familiares, a resposta veio de imediato: Ainda bem que sou eu! Sem saber como, mas acreditando que tudo tem um propósito na vida, reuni todas as forças necessárias para começar a minha luta. Nesse momento, o mais importante era saber que a minha vida não estava em perigo. Iria enfrentar momentos difíceis, mas tinha plena consciência que Deus nunca permitiria que eu enfrentasse esta prova se não soubesse que eu era capaz de a superar. E assim foi... Contam-se pelos dedos os momentos em que a coragem deu lugar à fraqueza. Não digo isto por me considerar mais forte do que as outras pessoas mas, desde o início deste pesadelo, eu sabia que Deus estava do meu lado e que nada de mal Ele iria permitir que acontecesse. Confesso que a primeira vez que entrei no hospital para fazer o primeiro tratamento, senti uma sensação de pânico enorme. Não tinha a mínima noção do que me iria acontecer, pois tudo o que ouvimos falar sobre os efeitos da quimioterapia não é muito animador. Pensava que o cabelo me iria cair logo no dia a seguir e que os enjoos e mal estar seriam insuportáveis. Mas nada disso aconteceu. E talvez isso me tenha dado a coragem necessária para enfrentar os restantes ciclos.

Sempre procurei manter a minha rotina, apesar de muitas vezes o corpo não o permitir. Nunca deixei de trabalhar, pois para mim isso era uma forma de me abstrair da doença. Fazia-me sentir uma pessoa "normal", sem qualquer tipo de limitação ou incapacidade. Fiz oito tratamentos de quimioterapia e, cada vez que saía do hospital, já com os efeitos característicos do tratamento a manifestarem-se, pensava "falta menos um para o final". A pouco e pouco, os degraus foram diminuindo - uns mais altos do que outros, mas sempre ultrapassáveis.

Um dos momentos mais marcantes desta caminhada foi a queda do cabelo. Foi mais ou menos três semanas após o primeiro tratamento. Lembro-me como se fosse hoje. Marquei uma hora ao final do dia, numa sexta-feira, após o trabalho. Assim, tive o fim-de-semana para me adaptar ao novo visual e me preparar para, na segunda-feira, "enfrentar o mundo". Tinham decorrido três semanas após o primeiro tratamento. Optei por usar uma prótese devido à forte exposição que o meu trabalho me obriga e, essencialmente, para me sentir mais confortável com a minha imagem.

A partir do momento em que ultrapassei o primeiro tratamento e a queda do cabelo, tudo pareceu mais fácil. Sabia que ao nível do visual já não iriam existir grandes alterações e já tinha conhecimento de como eram feitos e como reagia aos tratamentos. Agora, era tudo uma questão de tempo. É evidente que

existem sempre contratempos e questões para as quais não estamos minimamente preparados. O facto de saber que dificilmente poderei ter filhos foi, sem qualquer sombra de dúvida, a maior mazela que tudo isto deixou e que me vai acompanhar para o resto da vida. Terei que aprender a viver com isso mas, neste momento, ainda custa muito. Eu sei que inúmeras mulheres não podem ter filhos pelas mais variadas razões que em nada têm a ver com problemas oncológicos. O que me deixa um pouco de angústia é saber que a grande parte das mulheres afectadas por esta doença, têm idades superiores a 35 anos e, por isso, terão quase todas, a sua família constituída, coisa que a mim, não me deram possibilidade. Mas se Deus permitiu que assim fosse, com certeza existe um propósito. Nada acontece por acaso!

Finalmente completei os oito tratamentos. Tinham, então, decorrido cinco meses. Estava pronta para efectuar a cirurgia. Sabia que teria que retirar o seio, pois o tumor era grande. Felizmente, pude efectuar a reconstrução imediata do seio. Estive uma semana internada. A cirurgia, tal como o pós-operatório, correram da melhor forma possível. Hoje, decorrido um mês, recuperei quase na totalidade a minha vida normal.

Faltam apenas uns dias para iniciar a última etapa desta caminhada: a radioterapia. Para dizer a verdade, estava convencida que não teria que a fazer e que já iria iniciar 2008 liberta de tratamentos e hospitais. Mas ainda bem que vou fazer mais estes tratamentos, pois não deixa de ser uma segurança acrescida. E, acima de tudo, mais “uma etapa” agora, pode evitar grandes dissabores no futuro. E é isso que importa!

Se pensarmos bem, quando temos conhecimento de um problema grave com alguém conhecido e o vemos a ultrapassar a situação, pensamos de imediato que não teríamos a mesma força para reagir. Mas é um erro! Porque é que não havemos de ter a mesma coragem e determinação que essas pessoas? Porque é que nos havemos de deixar abater se somos feitos da mesma carne? O que não podemos nunca é baixar os braços e deixar que os obstáculos nos vençam. E sabemos que, neste tipo de doença, a força de vontade e o acreditar na cura é fundamental para o sucesso da nossa batalha. Também a equipa médica e de enfermagem que nos acompanham são de extrema importância para aumentar a nossa confiança. E, quanto a isso, nunca conseguirei expressar em palavras todo o carinho, apoio e profissionalismo com que fui tratada. A essas pessoas dirijo um “muito obrigada” pois foram pessoas marcantes neste processo, sempre prontas a encorajar e a minimizar os medos e receios que inevitavelmente vão surgindo.

Se fizer um balanço de todas as experiências vividas nos últimos meses, penso que o mais importante é que aprendi realmente a dar valor à vida. Muitas vezes criamos problemas porque nos deixaram à espera para um encontro, ou porque a roupa deixou de nos servir ou até mesmo porque nos deram uma palavra mal dada. E que importância essas coisas têm se comparadas com o simples facto de acordarmos todos os dias e podermos desfrutar de tudo o que nos rodeia. O simples facto de podermos trabalhar, ir ao

supermercado, fazer as tarefas domésticas...Tudo isso assume agora outra importância. Se eram tarefas aborrecidas, agora são executadas com determinação porque o mais importante é ter saúde para as desempenhar.

Desejo que estas linhas possam encorajar alguém que, como eu, esteja a viver uma situação semelhante e que pense que estas coisas só acontecem aos outros porque nós nunca teríamos forças para as ultrapassar.